

An abstract painting featuring a dense composition of expressive brushstrokes. The upper portion is dominated by dark, moody tones of grey and black, with streaks of vibrant red and blue. The lower portion transitions into warm, earthy tones of orange, yellow, and brown, with lighter, more delicate strokes in white and pale pink. The overall effect is one of dynamic energy and emotional intensity.

JANAINA TSCHÄPE
ESTRELAS CONVERSANDO EM VOZ ALTA



Fundação **Iberê**

JANAINA TSCHÄPE

ESTRELAS CONVERSANDO EM VOZ ALTA

CURADORIA
LUISA DUARTE

De 25 de novembro de 2023 a 18 de fevereiro de 2024



Neste ano de 2023, a Fundação Iberê apresentou 12 grandes mostras, incluindo a monumental retrospectiva de Vera Chaves Barcellos.

Esse conjunto de exposições demonstra que mantemos um diálogo com o que há de melhor na produção das artes visuais.

Para o encerramento deste calendário, temos o imenso prazer em receber Janaina Tschäpe, artista consagrada internacionalmente e que retorna ao país trazendo, além de uma pintura em grandes dimensões produzida especialmente para esta mostra, outras pertencentes a coleções particulares.

“Cada trabalho se apresenta como um lócus de entrelaçamento de imagens múltiplas, contraditórias, e tende a uma unidade e harmonia que correspondem à estratégia da artista em não distinguir entre suportes”, nos apontou o importante historiador, curador e crítico de arte italiano Germano Celant, em seu texto *Tschäpe, o dragão*.

Esta mostra não seria possível sem a pronta colaboração de colecionadores da obra da artista e, especialmente, da Galeria Fortes D’Aloia & Gabriel e de toda a sua equipe que, desde o primeiro momento, deram todo o suporte para viabilizar esta exposição em nossa Fundação.

A todos, nosso muito obrigado.

EMILIO KALIL
Fundação Iberê



ESTRELAS CONVERSANDO EM VOZ ALTA

LUISA DUARTE

“A temporalidade das obras de arte pode juntar coisas que foram feitas há muito tempo e há dois minutos”¹. Os trabalhos reunidos em *Estrelas conversando em voz alta*, exposição de Janaina Tschäpe na Fundação Iberê, nos aproximam desta experiência temporal. Aqui, as obras mais remotas foram realizadas no começo dos anos 2000, as mais recentes, em 2023, entre ambas, uma miríade de tramas que as unem a despeito da distância dos anos. Estamos diante de um tempo contado de forma não linear, no qual presente e passado podem convergir fora da continuidade cronológica.

Nascida em Munique, tendo vivido parte da infância em São Paulo, com idas constantes para a Serra da Bocaina, voltando a morar na Alemanha para se formar pela Escola de Artes de Hamburgo, e então se mudar para Nova York aos 24 anos, onde concluiu seu mestrado e vive até hoje, mantendo o Brasil como sua segunda casa, Tschäpe teve na pintura uma de suas primeiras linguagens, ainda muito jovem. Entretanto, escolheu se distanciar do fazer pictórico por alguns anos, para então retornar e fazer dele o núcleo de sua obra.

Os trabalhos fotográficos hoje apresentados, *Sala de espera (Terrace)* (2001) e *After the rain* (2003), fazem parte desse hiato anterior ao momento no qual a pintura ganharia protagonismo. Veremos, porém, como no interior de tais imagens já estão dadas pistas do que seria central em suas telas. Na primeira fotografia vemos uma mulher de perfil, nua, apoiada na varanda de um edifício. Em meio à árida cena urbana, se dá a aparição do corpo nu, remetendo a um suposto estado natural que se contrapõe ao índice de cultura ofertado pela paisagem da cidade. Esse é o primeiro desvio promovido pela artista, mas não o principal, pois nas costas deste corpo se encontram espécies de asas feitas de látex, material que está presente em diferentes obras

de Tschäpe desse período. Feito de uma mescla de borracha e água, o látex tem sua origem na secreção de plantas como a papoula e a seringueira. Aqui, surge como uma prótese capaz de infiltrar doses de estranheza no seio do que antes parecia familiar, nos dando a ver um híbrido entre o humano e o animal. Com esse gesto simples, de teor performático, a artista engendra uma cena na qual a *pólis* é vista sob a perspectiva dos animais-outros-que-humanos.

Se em *Sala de espera (Terrace)* já se dava um diálogo com a performance, nas duas fotografias que formam *After the rain* (2003) isso se adensa e ganha ares escultóricos. Em meio a uma paisagem feita de grandes rochas e água terrosa, cuja fisionomia evoca uma cartografia lunar, avistamos um ser envolto em vestimentas de natureza orgânica da qual pendem balões cheios d'água e cordões emborrachados de diferentes cores. Adentramos, assim, uma atmosfera calcada na fabulação na qual a anatomia é fluida, e a paisagem, fictícia. Assim como no trabalho anterior, aqui também a ideia de uma identidade monolítica é desfeita. Notem que as duas imagens que compõem a obra surgem como espécies de *frames* de um filme, flagrantes de instantes que possuem um antes e um depois – não por acaso o título irá sinalizar a passagem recente da chuva. Meio cinema, meio literatura fantástica, são frutos da imaginação de Tschäpe que, por sua vez, convoca a nossa a fim de imaginarmos o que levou ao encontro daquele ser polimórfico com aquele território.

Se o látex de que são feitas as asas que vestem o corpo que avista a cidade tem na sua composição 60% de água, *After the rain* exala umidade. Estamos diante de uma paisagem molhada e as formas que adereçam o ser que deambula sobre as rochas são todas orgânicas e prenes de matéria aquosa. A presença do estado líquido prossegue, por sua vez, em *Monsoon* (2007), aquarela que se constitui em um díptico de grande escala, cujo título evoca a estação chuvosa típica de climas tropicais. Os seus quase cinco metros de largura e um e meio de altura se conformam como um desafio em se tratando de uma técnica marcada pela enorme fluidez e, por isso, quase sempre vista em formatos pequenos. Realizar uma aquarela com essas dimensões, pintada na parede, e não apoiada em uma mesa é, para usar a expressão da artista, “tentar fazer o impossível”². Estava em jogo, para Tschäpe, a busca por controlar o acaso e se antecipar ao acidente.

Realizada em 2007, essa obra integra um momento no qual a artista irá interromper a produção de fotografias e vídeos – linguagens preponderantes até ali – para se concentrar no fazer pictórico. O que faz o elo entre ambos os períodos é a presença da paisagem como eixo orientador do trabalho, no caso, uma paisagem sempre reinventada, irrigada pela imaginação. Importante notar como *Monsoon* faz parte de uma fase na qual a figuração ainda se fazia presente – ao longo dos anos esta se diluirá em favor de uma abstração crescente. Mas, mesmo aqui, onde a remissão a signos conhecidos se dá – avistamos formas de folhas e caules, por exemplo – fica evidente que não estamos diante de uma obra que anseia o realismo. Se concordamos que um dos assuntos principais de uma paisagem transfigurada em pintura é a visão, ou seja, não tanto o que se vê, mas o fato de se estar vendo, cabe interrogar os modos de ver de Tschäpe. Seu olhar em *Monsoon* opera como uma espécie de prolongamento dos movimentos da natureza, ofertando, através do artifício pictórico, a experiência da luz e da umidade, da translucidez e da leveza, como se fôssemos levados a enxergar através de uma retina que guarda intimidade com a maneira de olhar das vidas submarinas.

A natureza líquida da aquarela se faz presente, de outro modo, na tela *Pássaro (Der Mich Aufgefressen Hat)*, obra exemplar de uma etapa importante na trajetória da artista, cujo arco temporal compreende os anos de 2012 a 2018, no qual Tschäpe elege como técnica principal dos seus trabalhos a caseína, uma tinta que, apesar de fosca, quando mesclada com água ganha fluidez e finda por doar luminosidade à pintura. Dotada de uma paleta feita de lilás, roxo e amarelo, *Pássaro (Der Mich Aufgefressen Hat)* traz como aliado o desenho. Uma miríade de traços permeia a superfície da pintura nos fazendo lembrar uma característica recorrente no modo de ver da artista – aquele que se assemelha ao microscópio, capaz de notar ali, no ínfimo, um universo vasto a ser explorado. Tal capacidade de intercalar gestos largos e curtos, tinta e lápis, solicita de nós, por sua vez, um ir e vir entre proximidade e distância. Vale notar, ainda, que a tradução dos termos em alemão que seguem entre parênteses nos falam algo como *Aquele que me comeu*. Essa passagem indica uma espécie de narrativa que se desenrolaria no interior da tela, aproximando-se, assim, daquilo que falamos acima a respeito das fotos *After the rain* e a chance de vincularmos a obra da artista à literatura.

Se não parece enganoso afirmar que diante de *Pássaro (Der Mich Aufgefressen Hat)* avistamos uma paisagem, tampouco é simples responder que paisagem é essa. O curto-circuito entre estranho e familiar, desconhecido e conhecido, figurado e abstrato nos leva para uma equação fundamental de toda obra da artista, qual seja, aquela que nos fala sobre o vínculo entre paisagem exterior e paisagem interior. É nesse sentido que diversas vezes já foi assinalada a relação de Tschäpe com uma abordagem artística de cunho romântico – “O pintor deve pintar não apenas o que ele tem à sua frente, mas também o que vê dentro de si” são palavras de um nome maior do romantismo, o alemão Caspar David Friedrich (1774-1840)³.

Tal elo entre exterior e interior se constitui, por sua vez, em uma via de mão dupla na qual imaginação e memória cumprem papéis centrais. Aqui, o ato de imaginar – ou seja, não se contentar com o que o que os olhos veem – é irrigado pelo repertório mnêmico, que, por sua vez, inclui sempre uma torção, nunca entregando um passado como de fato foi. Dessa equação surge o mundo fabulado de Tschäpe, cujas manifestações em pintura ganharam uma nova face nos últimos anos com a introdução do óleo em suas telas.

A pintura a óleo é a técnica mais clássica dentro do campo pictórico, com um imenso peso histórico, e não foi por acaso que a artista passou a usá-la apenas recentemente, depois de quase trinta anos de produção. Vista por Tschäpe como parte de um domínio essencialmente masculino no universo da arte, a demora para adentrar esse território foi deliberada. Em suas palavras, somente agora, com um controle que a faz “falar a linguagem da pintura, falar a linguagem do desenho”⁴, se tornou possível usar o óleo à sua maneira.

Ao nos determos nos trabalhos que fazem parte dessa produção aqui reunidos nota-se, de maneira evidente, como a técnica serve à sua poética, e não o inverso. Aqui, o olhar é lançado para diferentes direções transitando entre opacidade, brilho e transparência. Se ao fundo, por vezes, a caseína aquosa ainda se faz presente, doando translucidez, no primeiro plano o óleo sempre tem protagonismo. O uso de bastões possibilita uma simultaneidade entre pintura e desenho, conferindo um gestual de cunho caligráfico às obras. Certa vez escrevi que os traços

da artista no interior de suas pinturas “remetem à escrita automática dadaísta, ou mesmo ao gesto da criança de rabiscar sem finalidade precisa.”⁵ Mais recentemente, foi dito sobre estas telas que estamos “diante de uma escrita repleta de rabiscos-arranhões entre o signo e o traço mudo, entre a iminência de uma forma significante e a pura expressão gestual.”⁶

Nesse limiar entre o dito e o não dito, entre o signo e o traço mudo, tudo encontra sua tradução final em uma forma pictórica que apenas sugere – sem jamais definir por completo – atmosferas, cartografias, estados de ânimo. Se fôssemos chamados a associar a tela intitulada *Waldstille* (2021), com seus cinzas, pretos, roxos e verdes fechados a uma determinada hora do dia e sua temperatura, provavelmente diríamos se tratar de uma madrugada fria. Embora o seu título em alemão queira dizer *Silêncio da floresta*, a intensidade dos gestos da artista, que levam o olhar a percorrer velozmente toda a superfície da tela, parece remeter a um silêncio grávido de palavras, pois envolto em uma inquietude tangível, como se a densidade própria de toda floresta doasse um *ethos* grave à cena. Na mão contrária se encontra o trabalho que dá nome à exposição, *Estrelas conversando em voz alta*, realizado especialmente para a ocasião da atual mostra na Fundação Iberê, que, com seus verdes, vermelhos e laranjas, nos faz imaginar uma noite na qual o sol se fez presente.

A imagem plena de poesia de estrelas que conversam entre si, ou ainda a fotografia que abre esse texto com o seu hibridismo na forma de uma mulher-pássaro, nos dão a chance de traçar um elo entre a obra de Tschäpe e um debate premente da atualidade, qual seja, aquele que nos fala de um perspectivismo⁷ capaz de desconstruir epistemologias caras a um modo Ocidental de conceber o mundo, para as quais nós humanos estamos sempre em posição superior, em favor de cosmologias para as quais há uma relação não hierárquica entre todos os seres vivos e a natureza. Curioso notar como essa mudança crucial hoje em curso em alguma medida se relaciona, de maneira insuspeitada, com aspectos próprios a um ideário romântico do século XVII para o qual tudo é sujeito – incluindo aí uma natureza que fala por si mesma.

Avançando um pouco mais na associação proposta acima, vale recordar um texto curto, intitulado *Subjetivação radical do mundo*, do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (autor do termo perspectivismo), no qual lemos a seguinte passagem: “Antigamente tudo tinha, como se diz, ‘alma’. Mas o clube de proprietários dessa propriedade foi minguando. A ciência cancelou a alma das pedras, das plantas, depois dos bichos e dos mortos. A propriedade da alma agora está restrita aos humanos vivos.”⁸ Em alguma medida as pinturas de Tschäpe evocam a chance de um tipo de vínculo com o mundo que caminha na mão inversa daquele da ciência, como apontado por Viveiros de Castro. As suas paisagens aquáticas, celestes, geológicas, diurnas ou noturnas, cada vez mais abstratas, nos deixando entrever somente um átimo de figuração, como que convocando a nossa imaginação ao exercício pleno, findam por endereçar justamente a chance de olharmos ao redor e avistarmos “a alma das pedras, das plantas, depois dos bichos e dos mortos.” Ou seja, trabalham por uma *subjetivação radical do mundo*.

A série mais recente de trabalhos exibida em *Estrelas conversando em voz alta*, chamada *Self-Portraits* (2019-2023), comprova a passagem que abre esse texto, segundo a qual a temporalidade das obras de arte “pode juntar coisas que foram feitas há muito tempo e há dois minutos”. Feita

em papéis que medem 76 x 56 cm, com aquarela e lápis, nos remete aos trabalhos de Tschäpe do início de sua trajetória. Nesses primeiros anos de produção, testemunhava-se um constante questionamento da noção de identidade de modo que o rosto da própria artista surgia quase sempre envolto em diferentes tipos de máscaras.⁹

Um olhar atento irá notar que *Self-Portraits* se vincula não somente com os trabalhos desse princípio, mas sim com todo o percurso da artista. Estamos diante de retratos que são, em realidade, paisagens que fundem interior e exterior. À luz de uma época na qual se multiplicam de forma exponencial os chamados *selfies*, autorretratos feitos com câmeras de celulares que findam por tornar monolítica e previsível a relação com aquilo que há de mais singular em cada um de nós, o rosto, Tschäpe nos recobra uma dimensão de enigma e transitoriedade hoje perdida.

Vale notar como os *Self-Portraits* jamais são iguais uns aos outros, ao contrário, revelam uma identidade em trânsito constante. Isso se dá porque o alvo de Tschäpe não é a face em sua modalidade visível, mas antes aquilo que revela de invisível. Espécies de termômetros hipersensíveis capazes de medir diferentes estados subjetivos, mas não só. Nas palavras da própria artista, esta série nos fala de uma liberdade no modo de ver a nós mesmos que guarda uma íntima relação tanto com a paisagem interior, como também com a exterior: “Se trata de poder se pensar como uma cor, como uma cachoeira, como um rio profundo, de se dar a liberdade de se entender como um buraco negro, como um oco. De se ver flutuando dentro de um lugar com uma brisa passando, ou ao contrário, com medo.”¹⁰

A passagem acima, no limite, guarda uma possível síntese do percurso visto em *Estrelas conversando em voz alta*. Estamos diante de mais de duas décadas de produção de uma artista cujo eixo poético caminha nas antípodas de um mundo desencantado, desprovido de espectros e de sonhos. A obra de Janaina Tschäpe, ao contrário, em seu diálogo constante entre paisagem interior e exterior, memória e fabulação, nos convida a um exercício contínuo da imaginação.

LUISA DUARTE é escritora, curadora independente e pesquisadora, mestre em filosofia pela PUC-SP e doutora pelo Instituto de Arte da UERJ. Organizou, com Adriano Pedrosa, o livro *ABC – Arte Brasileira Contemporânea* (Cosac Naify, 2014) e foi cocuradora da 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil.

¹ Passagem do artista Tunga (1952-2016) em entrevista para a Revista Carbono. Ver: TUNGA. Carbono Entrevista Tunga. *Carbono*, v.1, n.1, 2012. E DUARTE, Luisa. *Tunga – o rigor da distração*, in catálogo da exposição homônima com curadoria de Luisa Duarte e Evandro Salles, no Museu de Arte do Rio de Janeiro – MAR, 2018.

² Trecho de conversa entre a autora e a artista realizada em outubro de 2023.

³ Ver: In Search of the Miraculous – The Work of Janaina Tschape, Annette Bhagwati. p. 164. Ensaio que integra o catálogo *Contemplating Landscape*, publicado por ocasião da exposição da artista na Edouard Malingue Gallery, Hong Kong, 2014.

⁴ Trecho de conversa entre a autora e a artista realizada em outubro de 2023.

⁵ DUARTE, Luisa. *À procura de um fim, sem fim...* Janaina Tschäpe, Editora Cobogó, Rio de Janeiro, 2017.

⁶ QUINTELLA, Pollyana. *Há um fogo que brilha no céu da pintura*, 2022. Ver: <https://fdag.com.br/exposicoes/fire-just-sparkles-in-the-sky>. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

⁷ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Variações do corpo selvagem*. Sesc, São Paulo, 2017.

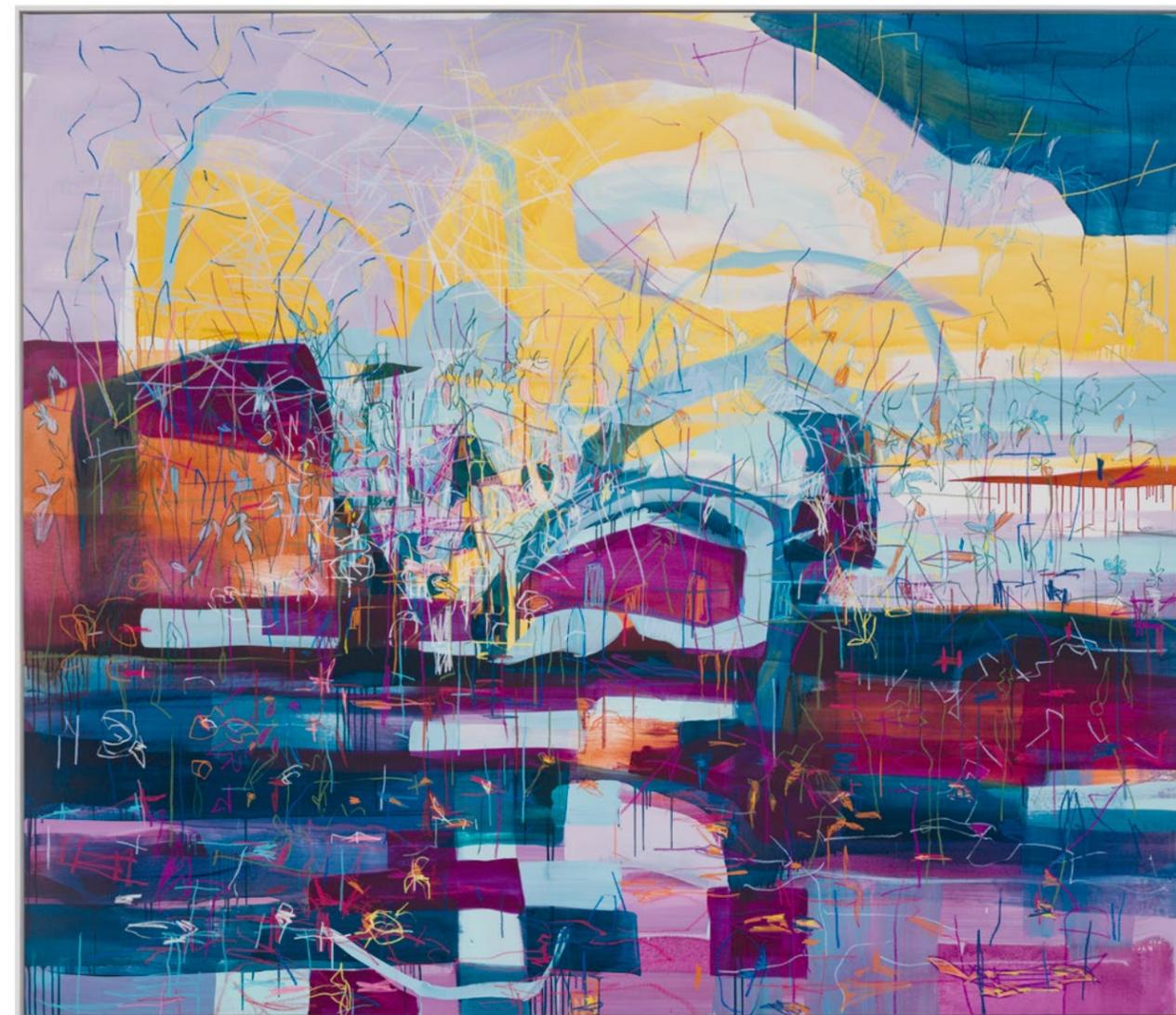
⁸ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Subjetivação radical do mundo*, 2023. Ver: https://selvagemiclo.com.br/2023/wp-content/uploads/2023/10/CADERNO76_VIVEIROS_DE_CASTRO.pdf. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

⁹ Aqui vale mencionar todo um conteúdo de documentação, livros, cadernos, fotos, anotações da artista dispostos em duas vitrines na presente exposição. Ali é possível ver uma série de registros de trabalhos dos primeiros anos de produção da artista onde o uso de diferentes tipos de máscaras se faz presente.

¹⁰ Trecho de conversa entre a autora e a artista realizada em outubro de 2023.



Pássaro (Der Mich Aufgefressen Hat), 2016
Técnica mista sobre tela
244,5 x 281,5 cm
Col. Rose e Alfredo Setubal, São Paulo





Waldstille, 2021
Tinta à base de caseína, bastão oleoso e
pastel oleoso sobre tela
278,1 x 334,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



A Fire, 2021
Tinta à base de caseína, bastão oleoso
e pastel oleoso sobre tela
152,4 x 203,2 cm
Col. particular, São Paulo



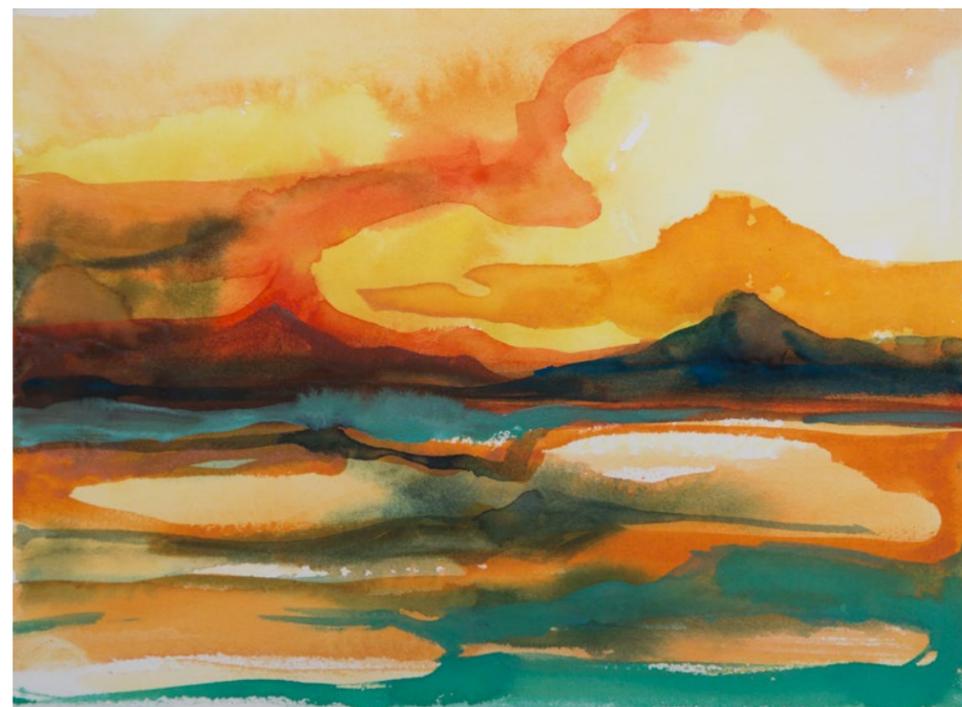
Fire, 2022
Aquarela sobre papel (políptico)
38 x 28 cm cada
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



In Search of Landscape XI, 2014
Aquarela sobre papel
22,9 x 31 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



In Search of Landscape XII, 2014
Aquarela sobre papel
22,9 x 31 cm
Col. Maria Rita Drummond e
Rodolfo Barreto, São Paulo



In Search of Landscape XIII, 2014
Aquarela sobre papel
22,9 x 31 cm
Col. Maria Rita Drummond e
Rodolfo Barreto, São Paulo



In Search of Landscape XIV, 2014
Aquarela sobre papel
15,2 x 22,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2018
Aquarela e lápis de cor sobre papel
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2019
Aquarela e lápis de cor sobre papel
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2019
Aquarela e lápis de cor sobre papel
76,3 x 57,5 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2019
Aquarela e lápis de cor sobre papel
76,3 x 57,5 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2022
Aquarela e giz de cera sobre papel
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2023
Aquarela e giz de cera sobre papel
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2023
Aquarela e giz de cera sobre papel de algodão
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2023
Aquarela e giz de cera sobre papel de algodão
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2023
Aquarela e giz de cera sobre papel de algodão
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2022
Aquarela e giz de cera sobre papel
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2020
Aquarela e giz de cera sobre papel
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2019
Aquarela e lápis de cor sobre papel
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel, São
Paulo/Rio de Janeiro



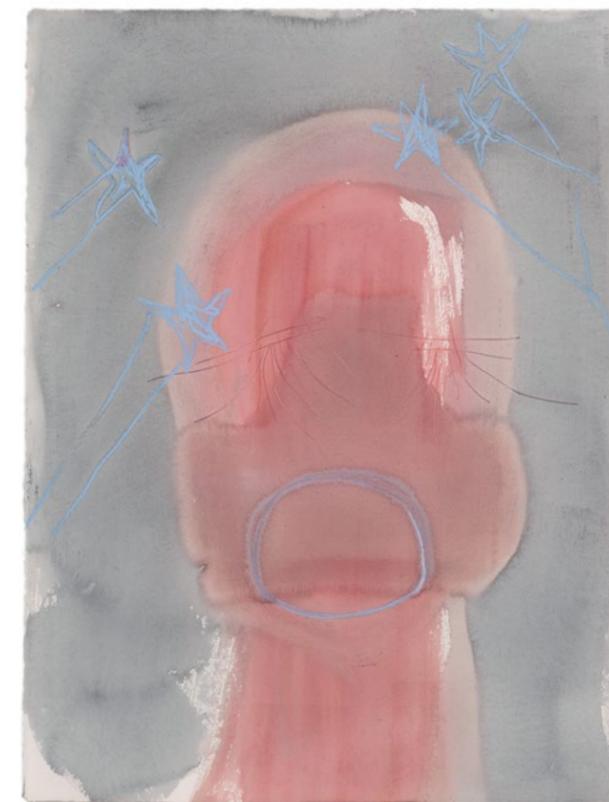
Self-Portrait, 2018
Aquarela e lápis sobre papel
76,3 x 57,5 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2018
Aquarela e lápis sobre papel
76,3 x 57,5 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2018
Aquarela e lápis sobre papel
76,3 x 57,5 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2018
Aquarela e lápis sobre papel
76,3 x 57,5 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2018
Aquarela e lápis sobre papel
76,3 x 57,5 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2018
Aquarela e lápis sobre papel
76,3 x 57,5 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2022
Aquarela e giz de cera sobre papel
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2023
Aquarela e giz de cera sobre papel de algodão
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2023
Aquarela e lápis de cor sobre papel
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2023
Aquarela e lápis de cor sobre papel
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Self-Portrait, 2023
Aquarela e giz de cera sobre papel de algodão
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



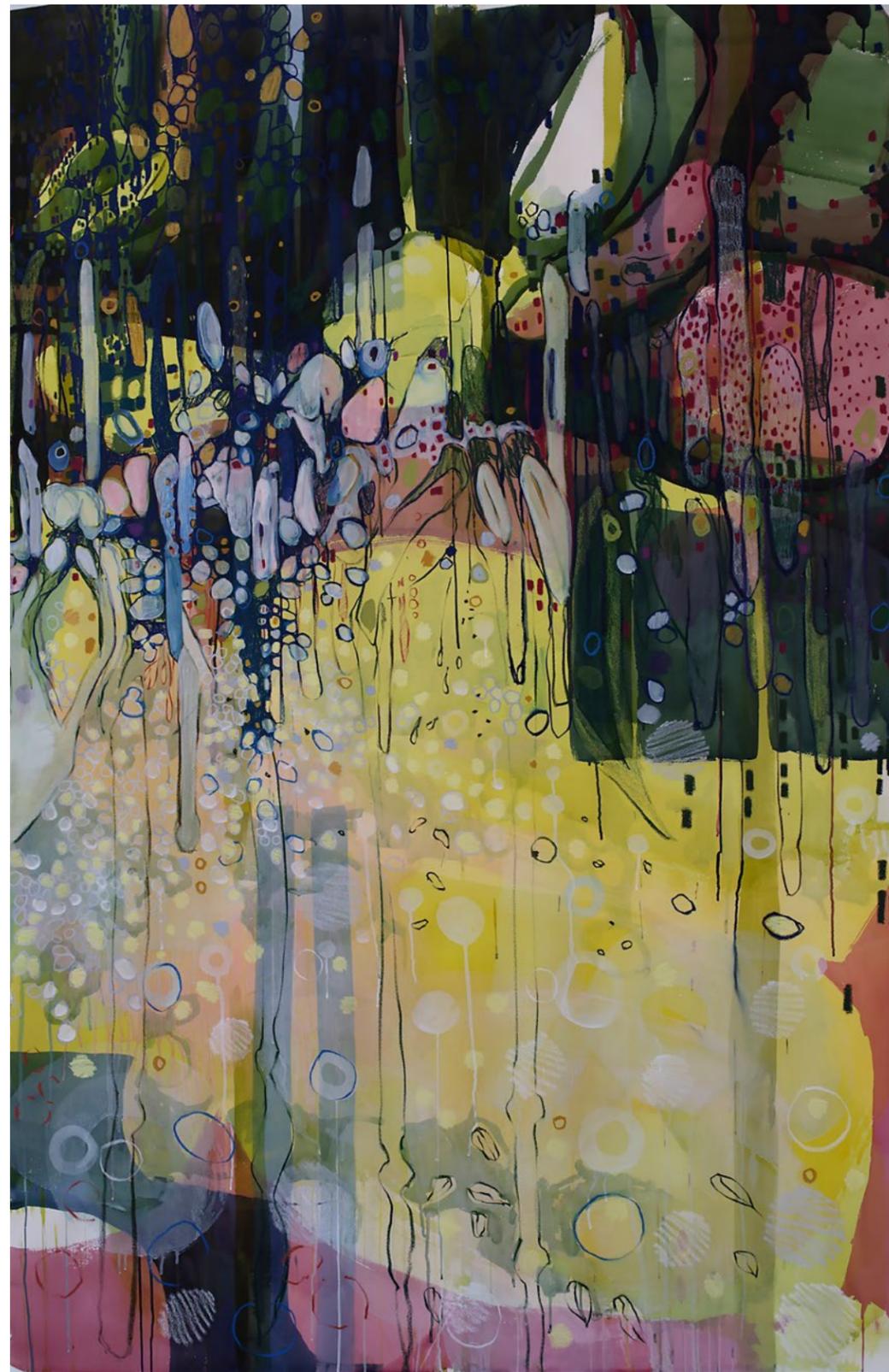
Self-Portrait, 2023
Aquarela e giz de cera sobre papel de algodão
76,2 x 55,9 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Sombra d'água, 2022
Tinta à base de caseína e bastão
oleoso sobre tela
152,4 x 203,2 cm
Col. Eugênio Ermírio de Moraes
e Bianca Corona, São Paulo



Monsoon, 2007
Aquarela sobre papel (díptico)
229,2 x 154 cm cada
Col. Andrea e José Olympio Pereira,
São Paulo





Awake, every second
(estrelas conversando em voz alta), 2023
Óleo e bastão oleoso sobre tela
200 x 400 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Livia 2, da série **After the Rain**, 2003
Cibachrome
102 x 127 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro



Livia 2, da série **After the Rain**, 2003
Cibachrome
51 x 76 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro

Próxima página:
Sala de Espera (Terrace), 2001
Cibachrome
112,5 x 150 cm
Cortesia da artista e Fortes D'Aloia & Gabriel,
São Paulo/Rio de Janeiro





JANAINA TSCHÄPE

Janaina Tschäpe nasceu em Munique, Alemanha, em 1973. Em sua obra, a artista dá forma à relação entre o corpo e a matéria, em pinturas, desenhos, performances e fotografia. Integrando o núcleo de sua pesquisa atual, as telas abstratas têm um aspecto líquido que recorda contornos vegetais, animais ou minerais em paisagens silvestres e subaquáticas. A atmosfera aquática aparece também nas imagens fotográficas. Retratando o mar, os rios e os lagos, Tschäpe busca replicar processos de metamorfose e mutação presentes na natureza, assim como muitas de suas performances abordam a transformação física. Seu repertório de formas orgânicas compõe também as grandes superfícies de suas pinturas, animadas pelo movimento dos seus gestos: os riscos velozes que a artista traça com bastões a óleo sobrepõem-se à fluidez de pinceladas mais largas. O mundo natural não é representado fielmente na obra de Tschäpe, mas tem sua dinâmica vital traduzida em termos pictóricos, envolvendo o público numa ambiência inquieta.

Suas exposições individuais recentes incluem **Soy mi propio paisaje**, CAC Málaga, Espanha (2023); **Restless Moraine**, Sean Kelly, Nova York, Estados Unidos (2023); **FIRE just sparkles in the sky**, Carpintaria, Rio de Janeiro (2022); e **Janaina Tschäpe and Ursula Reuter Christiansen: Das Unheimliche**, Den Frie Center of Contemporary Art, Copenhagen, Dinamarca (2021). Participou, também, das coletivas **The Big Picture**, Night Gallery, Los Angeles, Estados Unidos (2023); **Earth Works**, Hunt Gallery, Webster University, Luxembourg City, Luxemburgo (2021) e **Abundant Futures**, TBA21, Cordoba, Espanha (2021).

A artista tem trabalhos em importantes coleções públicas, incluindo 21st Century Museum of Contemporary Art, Kanazawa, Japão; Banco Espírito Santo, Lisboa, Portugal; Centre Pompidou, Paris, França; Clifford Chance Collection, Nova York, Estados Unidos; Fondation Antoine de Galbert, Paris, França; Fondation Belgacom, Bruxelas, Bélgica; FRAC Champagne-Ardenne, Reims, França; Harvard Art Museum, Boston, Estados Unidos; Instituto Inhotim, Brumadinho; Itaú Cultural, São Paulo; Kandinsky Library Collection (Centre Pompidou), Paris, França; Moderna Museet, Estocolmo, Suécia; Mudam Musée d'Art Moderne Grand Duc Jean, Luxembourg; MAM – Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador; Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Espanha; National Gallery of Art, Washington DC, Estados Unidos; Polk Museum of Art, Lakeland, Estados Unidos; SMAK – Stedelijk Museum voor Actuele Kunst, Gent, Bélgica; The Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos; Tokyo Roki Co. Ltd, Tóquio, Japão e TBA21 – Thyssen-Bornemisza Art Contemporary, Viena, Áustria.

**JANAINA TSCHÄPE
ESTRELAS CONVERSANDO
EM VOZ ALTA**

EXPOSIÇÃO

Curadoria
Luisa Duarte

Design gráfico
Adriana Tazima

Montagem
Concreção

Seguro
Affinité

Transporte
Alves Tegam

Apoio
Fortes D'Aloia & Gabriel

Produção e Realização
Fundação Iberê

**ESTÚDIO
JANAINA TSCHÄPE**

Gerente de estúdio
Janie Samuels

**Arquivista e
Gerente de publicações**
Bruno Jansen

Assistente de estúdio
Curtis Carman

CATÁLOGO

Coordenação editorial
Gustavo Possamai

Texto
Luisa Duarte

Revisão de texto
Beatriz Caillaux

Projeto gráfico
Pomo Estúdio

Fotografias
Bailey Williams, p. 10-11
Ding Musa, p. 14-16
Eduardo Ortega, p. 13, 20-43, 46-47
Janaina Tschäpe, p. 48-49, 50-51
Janaina Tschäpe Studio, p. 18-19,
44-45
Piti Tome, p. 17
Vicente de Paulo, p. 52

Páginas 10-11: Janaina Tschäpe
produzindo a pintura “Blue Moon”
em seu ateliê no Brooklyn,
Nova York, 2021.
Página 52: Retrato da artista
em seu ateliê, 2018.

Impressão
Ideograf

Edição 2023
© Fundação Iberê

Fundação Iberê

CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter
Presidente
Arthur Bender Filho
Arthur Hertz
Beatriz Bier Johannpeter
Celso Kiperman
Dulce Goettems
Fernando Luís Schüller
Frances Reynolds
Glaucia Stifelman
Hermes Gazzola
Isaac Alster
Joseph Thomas Elbling
Júlio Cesar Goulart Lanes
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Livia Bortoncello
Nelson Pacheco Sirotsky
Renato Malcon
Rodrigo Vontobel
Sérgio D'Agostin
Wagner Luciano dos Santos Machado
William Ling

Conselho Fiscal
Carlos Cesar Pilla
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Gilberto Schwartzmann
Heron Charneski
Ricardo Russowsky
Volmir Luiz Gilioli

Diretores
Mathias Kisslinger Rodrigues
Diretor-Presidente
Daniel Skowronsky
Vice-Presidente
Anik Ferreira Suzuki
Flavia Soeiro
Ingrid de Króes
Jorge Juchem Zanette
Justo Werlang
Patrick Lucchese
Pedro Dominguez Chagas

EQUIPE

Diretor-Superintendente
Emílio Kalil

Superintendência-Executiva
Robson Bento Outeiro

Secretaria Executiva
Nara Rocha

Comunicação e Imprensa
Roberta Amaral

Design e Plataformas Digitais
José Kalil

Programa Educativo
Lêda Fonseca, consultoria pedagógica
Daniele Barbosa e Ilana Machado, coordenação
Juliana Corrêa, assistente de coordenação
Alicia Kern, Brenda Leie, Gabrielle Aguiar Lopes,
Luís Eduardo Hofmeister, Marcelo Neves,
Pedro Dalla Rosa, Renato Vargas, Samantha Konorath
e Vítor Daniel Rosa, mediação

Acervo/Ateliê de Gravura
Eduardo Haesbaert
Gustavo Possamai
Nina Sanmartin

Administrativo/Financeiro
Luciane Zwetsch
Guilherme Collovini, assistente

Consultoria Jurídica
Silveiro Advogados

Gestão do Site e TI
Machado TI

Produção
Thiago Araújo
Raphael Costa

Conservação e Manutenção
Lucas Bernardes Volpato, consultor
Arnaldo Henrique Michel, encarregado
Jonathas Rosa dos Anjos, assistente

Loja Iberê
Leonardo Martins Picoli

Receptivo
Andressa Dresch
Laura Palma

J33 Janaina Tschäpe : estrelas conversando em voz alta /
curadoria Luísa Duarte. – Porto Alegre:
Fundação Iberê Camargo, 2023.

56 p.: il. color.
Catálogo da exposição realizada na
Fundação Iberê de 25/11/2023 a 18/02/2023
ISBN 978-85-89680-81-3

1. Artes Plásticas. 2. Artistas Plásticos – Alemanha.
3. Artistas Plásticos – Brasil. I. Tschäpe, Janaína.
II. Duarte, Luísa. III. Fundação Iberê Camargo.

CDU 73(430)

Catálogo na publicação: Júlia Agustoni Silva - CRB10/1788



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA
AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS E MANTENEDORES



Grupo Savar



GRUPO GPS

Grupo IESA



Perto



IBERÊ NAS ESCOLAS

PETROBRAS CULTURAL

BOLSA IBERÊ 2023

APOIO



CatSul



PETROBRAS



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA CULTURA



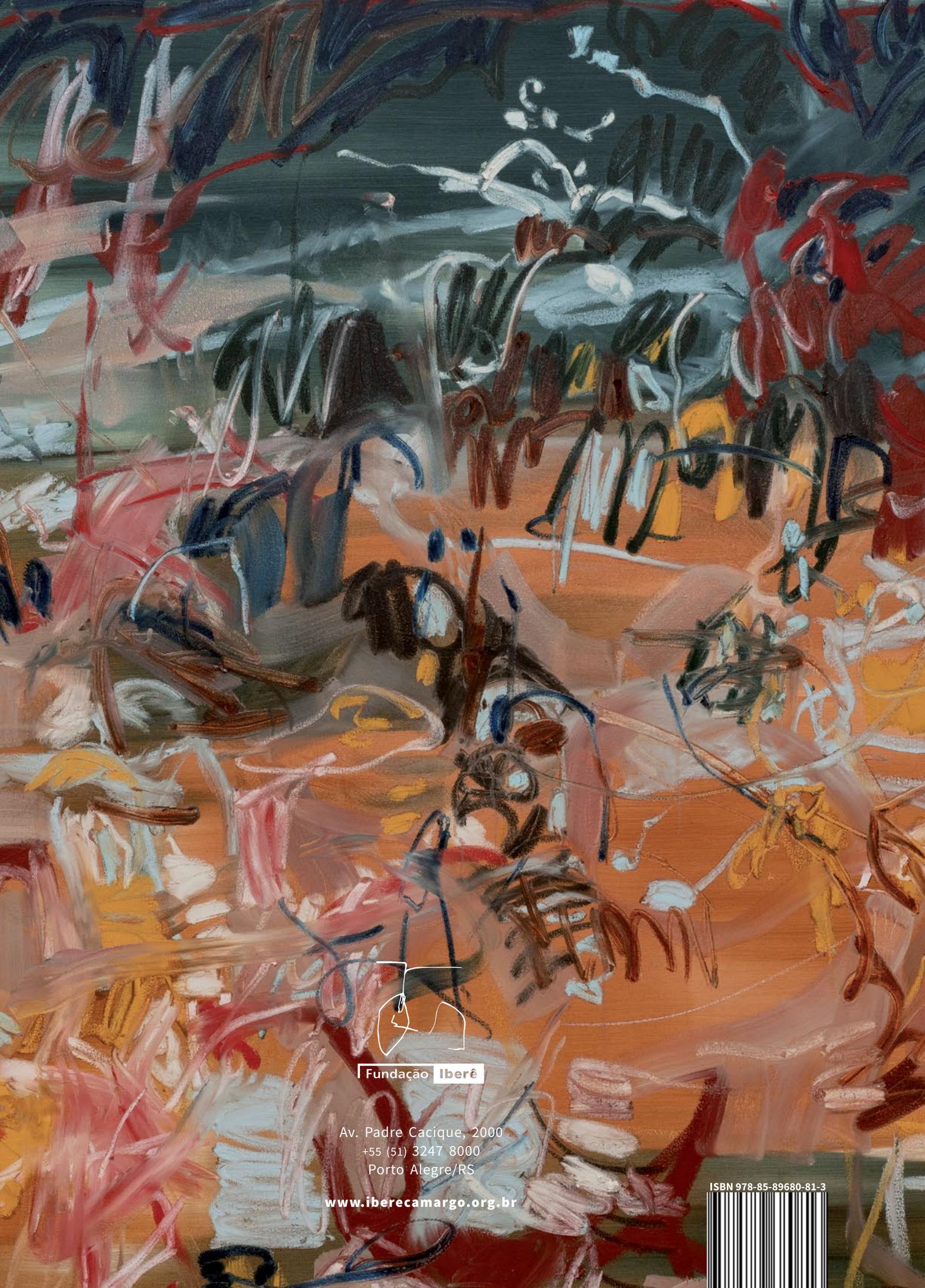
MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2023

BENEMÉRITO: JORGE GERDAU JOHANNPETER

CONSELHEIROS MANTENEDORES: ARTHUR HERTZ | BEATRIZ BIER JOHANNPETER | CELSO KIPERMAN | DULCE GOETTEM | FRANCES REYNOLDS
GLAUCIA STIFELMAN | HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER | JOSEPH THOMAS ELBLING | JÚLIO CESAR GOULART LANES | LIVIA BORTONCELLO
NELSON SIROTSKY | RENATO MALCON | RODRIGO VONTOBEL | SERGIO D'AGOSTIN | WAGNER LUCIANO DOS SANTOS MACHADO | WILLIAM LING

MANTENEDORES OURO: ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO | IRINEU BOFF | JUSTO WERLANG | PATRICK LUCCHESI | SILVANA ZANON





Fundação **Iberê**

Av. Padre Cacique, 2000
+55 (51) 3247 8000
Porto Alegre/RS

www.iberecamargo.org.br

ISBN 978-85-89680-81-3

